N.º 36 — Ovar—Domingo 27 de Março de 1887 — 1.º anno

O POVO D'OVAR

Assignatura

Assignatura em Ovar semestre 500 rs.
Com estampilha..... 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração rua d'Arruella n.º 119

DIRECTOR—FRANCISCO FRAGATEIRO

Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs a linha.
Annuncios e communicados a 50 rs. a linha.
Repetições..... 20 rs. a linha
Annuncios premanente 5 » »
Folha avulsa..... 40 rs.

O nascimento do principe

Mal estava consumado o sacrificio eleitoral d'onde o povo sahiu exague e onde o governo empregou á larga as maiores violencias e o dinheiro do thesouro para *convencer* os eleitores, e já o ministerio decreta festas espaventosas para solemnisar o nascimento do principe.

Devia ser assim.

E' necessario não deixar descançar por um momento sequer a hydra que se revolve esmagada pelo peso das contribuições, que arca com crises gravissimas, que lucta, até ao extremo do sacrificio, pelos seus direitos. Por sobre os conluios, as tratadas e os monopolios, mais ou menos vergonhosos, mais ou menos indignos, deviam vir as violencias como as d'Ovar, os roubos das eleições da Madeira, os morticinios de Louzada, e por sobre tudo isto as festas do nascimento do principe real.

Ainda não vão muito longe os festejos do casamento, onde a nação exhausta, pedinte dispendeu centenares de contos: onde os reis, soberanos despotas d'este paiz, que soffrera mezes antes o desastre da conferencia de Berlim, que tinha o seu credito arruinado, que vivia, como hoje vive, a braços com a crise agricula, se locupeletaram e dotaram os seus descendentes com pensões annuaes, pagas pelo thesouro. O que então se fez redivive na memoria de todos—encarregaram-se de descobrir os conluios, as despezas exorbitantes, os descontentes que não tiveram partilha no bolo realengo.

E se o casamento real teve o seu cortejo de lagrimas nos desgraçados artilheiros de Santarem, o nascimento do herdeiro *provavel* d'estes reinos, hypothecados á Casa de Bragança, foi tambem precedido pelas lagrimas dos amigos dos fuzilados pelas tropas do governo do rei, em Louzada.

E' que atravez da historia ha sempre factos a confirmarem esta verdade—os reis folgam e riem emquanto os povos choram.

Nem as descargas da artilharia, nem o estralejar dos foguetes, nem os hymnos ensurdecedores, nem os bailes reluzentes poderão abafar os gemidos das familias em lucto que ecchoam pelo paiz, pedindo justiça contra os miseraveis assassinos, que teem á sua frente o snr. ministro do reino. A extensa mortalha que cobriu o corpo d'esses desgraçados que pugnavam pelo seu direito, talvez seja o sudario em que deverá ser escripta a historia do recemnascido. Ella será lugubre e tetrica porque a hydra que hoje se revolve sem forças ainda para arcar com as bayonetas dos soldados, com a corrupção que lavra nas altas camadas sociaes, irá ganhando força, a força do seu direito.

Illudir, addiar o momento do triumpho da causa popular com festas encommendadas, obrigando os municipios a contribuir com luminarias e foguetes pagos pelos seus respectivos thesouros, para realçar o *faustoso* accontecimento, é irrisorio, é indigno. Os reis tiveram sempre por fito envolver, compromettter o povo nas suas festas, chamal-o a si para que os seus adeptos proclamem pelas tubas que ha intima ligação entre os *augustos* soberanos e os vassalos espoliados. E quando esse mesmo povo é fuzilado como em Louzada, quando é espancado como em Ovar, ou quando é roubado nos seus direitos pelos agentes da monarchia, pelos serventuarios da realeza, como na Madeira, a voz do monarcha não se ouve, os seus ouvidos estão surdos.

E' que apesar dos decretos mandando ao povo e aos seus representantes municipaes fazer festejos para commemorar o nascimento de mais um principe, que ha-de vir, como os outros sugar uma parte importante das contribuições, a historia mostrará sempre que—os reis folgam e riem emquanto os povos choram.

Arrosaes

Combatida pela sciencia, perseguida pelas auctoridades, a cultura dos arrozaes vitimando a população que está sob a influencia das suas emanações delecterias, apenas tem conseguido, furtivamente, viver em alguns pontos.

Contra ella se tem insurgido todos, illustrados ou não, porque são palpaveis e manifestos o damno que causa á salubridade publica.

Está plenamente demonstrado que esta cultura é extremamente nociva, excepto nos terrenos continua e naturalmente banhados d'agua corrente, porque então não ha logar para o desenvolvimento dos miasmas, e nos charcos por natureza innegotaveis, porque tendo-se de desenvolver miasmas paludosos o arroz tende a absorver esses miasmas como elemento para se desenvolver a planta e ainda que dê logar a outros esses são bem menos nocivos do que os primeiros. Se a sementeira do arroz se limitasse a esta especie de terrenos não haveria logar a recriminações; mas a ganancia do lucro, a ambição desregrada dos proprietarios leva-os a transformarem as suas terras, proprias para a cultura de milho e juncal em verdadeiros charcos artificiaes empresando a agua até que o arroz esteja em pleno estado de maturação.

N'estes termos a cultura do arroz é um crime d'ordem publica, produz toda a sua influencia perniciosa, origina as febres paludosas e todas as mais doenças concumitantes.

Em Ovar, no tempo em que se semeava o arroz, a mortalidade chegava a subir a 600 pessoas; então approximadamente 300 pagavam o tributo de sangue para que os proprietarios dos terrenos e os arrendatarios d'elles podessem anferir extraordinarios lucros. As febres paludosas produziram mais mortes entre nós do que a *cholera morbus*, que dois annos depois de serem extinctos os arrozaes, acoitou esta Villa.

Por isso a nossa villa conjuntamente com outras representou ao governo para que fosse prohibida a cultura do arroz porque então, como ainda agora, em todo o concelho não havia terrenos que estivessem nas condições de serem cultivados com semelhante planta sem immediatamente se fazer sentir a sua acção delecteria.

Effectivamente essa prohibição veio e fomos nós quasi os primeiros que nos vimos livres de semelhante flagello. O povo acceitou de boa mente, sem uma reclamação sequer a medida prohibitiva que o punha a salvo dos especuladores, que sem se importarem da saude publica enriqueciam.

Mas passados 30 annos, pouco mais menos, sob o regimen d'umas auctoridades que se dizem progressistas, estando á frente do municipio uns homens que se dizem tambem progressistas, a cultura do arroz vae principiar no nosso concelho, os especuladores vão outra vez pôr em risco a saude publica, somente porque teem a seu lado uns vendilhões que cedem tudo contanto que lhes *arrendam* o voto.

Portanto prepare-se o povo para combater as febres—porque os especuladores precisam de dinheiro e as auctoridades administrativas, de votos para levarem cacete as eleições.

Bem diziamos nós, quando escrevemos o *Futuro do Concelho*, que estava chegada a epocha do sacrificio.

POLITICA CONCELHIA

O FINAL DA OBRA

IV

Triste, tristissima defeza!

Repudiam as accusações dos ex-redactores do jornal em que agora escrevinham; e isto somente para bajular o sr. juiz d'esta comarca, para o adular, agora que precisam de bastante misericordia para os seus correlegionarios implicados em crimes gravissimos, para os seus chefes, que, tendo descido á condicção de garotos, ficaram compromettidos nos arruaças e nos espancamentos que precederam as eleições municipaes. Repudiam os actos dos seus antecessores porque não têem o arrojo de aguentar as consequencias d'uma critica. Poucos, pouquissimos os antigos redactores do jornal, nem sequer se assimilhavam á turba d'anonimos, pedintes de despacho e de dinheiro, que sem tino, nem senso pratico servem apenas para tecer intrigas vis, pequenas, para lisongear, rojar-se aos pés dos magistrados.

Precisam para a politica ignobil em que andam envolvidos de todo a complacencia, de todo o favor dos magistrados judiciaes e por isso renegam as affirmações do seu partido, chamam insultadores aos que com mais virtude, com mais firmeza, trabalharam desinteressadamante até ao ponto em que os *parvenus* pedintes vieram assaltar o partido, pedir um bocado da presa.

Desgraçada defeza, que por si bem caracterisa o genio e a indole da turba dos anonimos, que esgravatam n'um jornal, que outr'ora teve algum merito, as reputações illibadas.

E' justo que o conjunto de renegados politicos de outros partidos, acolhidos hoje á sombra do *soi-disant* partido progressista d'este concelho, reneguem tambem as ideas dos antigos progressistas, dos que nunca se confundiram com os *limonadas* vis, miseraveis.

Os feitos do juiz Brochado nem por isso diminuiram de valor; nem por isso deixaram de ter a approvação dos cabeças limonadas, que hoje, bajulando, impetram a commiseração do julgador. Podem não ser obra dos Antheros, dos Angelos, dos Mineiras e dos Sucenas, porque esses só muito tarde, depois que subiu ao poder o partido progressista, se *vieram alistar* nas fileiras d'esse partido. Esses são os *homens*... do governo.

Sim, é velho, é incompetente, para estar á testa d'esta comarca, como juiz, o sr. dr. Brochado. S. ex.ª não tem a coragem sufficiente para arcar com as violencias dos caceteiros, como não tem a independencia precisa para deixar de obedecer ás imposições do sr. Francisco de Castro Mattoso Corte Real, irmão do sr. presidente do conselho de ministros.

Prova o que acabamos de affirmar, e o que já por mais de uma vez temos affirmado, o facto de não se ter dado andamento ao processo de querella promovido pelo ministerio publico contra as auctoridades administractivas e seus agentes pelos factos do dia 7 de janeiro.

Vão passados já uns poucos de mezes e ainda não foi intimada uma só testemunha para depôr no summario; como ainda ha bem poucos dias foram ainda feitos os exames de sanidade aos feridos. Leviandade *ou o quer que seja*, tem feito com que este processo importantissimo não esteja já concluido; leviandade ou o *quer que seja* tem feito com que os criminosos folguem emquanto que as vitimas soffram. E' muito possivel que os magistrados judiciaes tenham até agora estado á espera da amnistia, e, como ella de facto não tardará muito a vir, elles livram-se de incorrer nas iras dos arruaceiros e nas do seu protector Mattoso.

Prova o facto de não se ter marcado o dia para o julgamento das policias correccionaes dos criminosos das arruaças dos domingos que procederam a eleicção camararia.

E ainda prova, mais do que tudo, um outro facto que por'ora não queremos revelar, mas que o seu tempo virá a lume—quando mais detidamente tivermos de fazer a *apologia* dos magistrados que hoje administram justiça n'esta infeliz comarca. Esse facto mostra tanto favoritimo que só publicando algumas das peças do processo se poderá bem comprehen-a imparcialidade das nossas accusações.

Queremos ver a defeza latitudinariamente exposta. Por isso percorremos todos os seus pontos para ver até que aonde ella é, inverosimil desgraçada.

Dizem os defedsores do sr. juiz Brochado que já o anno passado foram pronuciados differentes individuos pertencentes ao partido progressista e que então, como hoje, o partido aguardou a resolução do poder judicial, sem lhe pedir, sem criticar o seu procedimento.

Nada pedemos dizer, porque se apresentamos os defensores do sr. juiz Brochado, os jorneas do partido em que o mesmo sr. juiz foi vivamente attacado, elles responderão que nada têem com isso porque não foram os actuaes Antheros, Angelos e Mineiras, que escreveram semelhantes cousas. E' facto porém que já então o partido progressista d'Ovar criticava os actos do sr. dr. Brochado, como depois os criticou, já então elle fazia do sr. juiz a mesma idea que mais tarde fez transparecer por differentes vezes.

O sr. dr. Brochado foi attacado violentamente pelos mesmos ou pelos antecessores dos que hoje o bajulam, o lisongeam.

E se os seus actuaes defensores não procederam então da mesma forma que hoje, é porque viam que nada conseguiriam do sr. dr. Brochado, essencialmente *governamental*.

N'esses processos procedeu-se com a regularidade precisa para que os opposicionistas ficassem condemnados sem fiança; e porque é que hoje o unico processo crime eleitoral instaurado em juizo está parado ha tanto tempo?

E' porque os reus pertencem ao partido do governo, porque é protector d'elles o desembargador Francisco de Castro Mattoso Corte-Real, é porque ao snr. juiz de direito da comarca d'Ovar não convem indispor-se com esse vulto politico, com bastante influencia na actual situação politica.

ESCALPELLANDO

«Deixam-me, *Espectro*. Eu vou como a folha de rosa ao meu destino.»

Carga d'Ossos.

Como devem ser horriveis as mordeduras do remorso, minando, perfurando a arma do desgraçado vendido, do cynico impudente, de falsario cobarde! Os vis metaes de que eram formadas as libras falsas vindas d'Elvas, decompondo-se pouco e pouco, dão a phisionomia do *Carga d'Ossos* aquelle ar concentrado, abatido, do criminoso que receia a justiça: os fincos que lhe cavam o rosto, como os regos do chicote da critica, tornam-no sorumbatico.

Como o criminoso homicida, receia-se dos cumplices, dos que o ajudaram em noute clara quando a lua banhava com os seus raios de luz d'um prateado fosco as ruas largas e deixava immersa na escuridão a encrusilhada onde os miseraveis assassinos esperavam a sua vitima.

Hoje, ambos, descontentes com a partilha, avaliando-se mutuamente, conhecem-se o bastante para recearem os punhaes. Descobriu-os uma pequena cousa: ralham por uma insignificancia: ameaçam-se de morte e fogem um do outro.

Almas egualmente vis, egualmente más, estão ao lado uma da outra porque as liga a communidade do crime, o mesmo espirito de roubo, as mesmas tendencias assassinas.

E os remorsos perfurando-lhes, minando-lhes as consciencias gangrenadas, leprosas, envelhece-os, mata-os. E a sociedade, a louca, que os admirou quando ainda os não conhecia, odeia-os hoje, pesa-lhe egualmente o jugo d'ambos. Um domina pelo dinheiro falso, o outro pelo cacete com a cohorte dos vadios.

Os maninhos largos, extensos, prende-lhes as attensões; roubar tudo e todos é a divisa d'elles, como fôra tambem a divisa dos antigos Berlengas e é a do Berlengas actual.

Por isso eu me não posso calar, por isso eu *Espectro* justiceiro velo, e, quando a lua vae pelo espaço infinito arrebanhando as estrellas brincalhorias que fugiram para longe, vou, esgueirando-me pelas ruas desertas, por, pé ante pé, a minha mão diaphana, fria, sobre a consciencia do *Carga d'Ossos* e dos seus cumplices, que tremem de mim, que fogem ao ouvir pronunciar o meu nome; que offerecem 6 contos para que a sociedade os não conheça.—

»Deixa-me *Espectro*. Eu vou como a folha da rosa ao meu destino.»—

A cadeia, a penitenciaria, tendo ca fora a multidão a apupar os que outr'ora dominaram pelo dinheiro falso e pelo cacete.

Espectro

LETRAS E LERIAS

RISCOS

O Berlengas e o pendão—Os limonadas e o andor—Os politicos, os foguetes e a musica.

Nuvens grossas e negras, corriam pelo espaço acossadas pelo vento; e, de vez em quando, bategas d'agua vinham fustigar as janellas, tamborilando não sei que marcha exquisita: casacas lustrosas, encommendadas de ha pouco dormiam o somno dos justos estendidas em fofas camas: e os festeiros, de rostos melancholicos olhavam vagamente a inclemencia do tempo que os não deixava vir em magna procissão, de andor ao hombro, percorrer as ruas encharcadas.

Lá pelo fim da tarde o vento, virando de rumo, empurrava para bem longe a nuvens densas, e a atmosphera alisando deixou vêr a custo a azul celeste.

Ao Berlengas tinha sido destinada a guita do pendão onde não estavam escriptas as palavras *Mané, Thecel e Phares*. Elle lá foi tambem aproveitar aquelle bocadito de figura que a chuva impertinente, ia deixando perder. Ao menos isto não custa dinheiro—monologava.

O vento, contudo, não deixara de soprar, e o pendão enrolando-se e desenrolando-se, sem ter o apoio das guitas salvadoras viera cahir sobre a careca reluzente do Berlengas. E elle ao ver cahir assim de tão alto aquella vara fatidica pensara na vara da justiça que viesse redimir a memoria de João Carvoeira, a infeliz victima apunhalada proximo á Cova do Frade.

Entretanto novas nuvens se iam accumulando na atmosphera e o Berlengas de careca reluzente, escalvada, olhava-as, amargurado por ver que ainda d'esta vez a bicha não seguia.

Quantas decepções aquelle pobre diabo tem encontrado na sua curta vida!

*

A procissão marchava a passos lentos. Lá atraz a musica cantava a marcha funebre; as poucas opas rocheadas revolviam-se em *zigs-zags* caprichesos: e andor como que medindo os passos, descera a enorme escadaria de granito: mulheres boquiabertas admiravam a elegancia dos *commandadores*. Como quando no céu uma nuvem vindo repentinamente tolda o horisonte, assim tambem a uma nuvem de *exquisitice* veio rasgar o *luzimento* da rareada procissão.

—O' Zé vem pegar no andor senão largo-o—dizia um.

—O' homem deixa ir que vae bem assim—replicava outro.

—Pegas ou largo já?—repetiu o primeiro.

—Não pego porque estou compromettido, dei a minha palavra e está dada.

—Pois fica sabendo que o andor não sai d'aqui, venha quem vier.

A zanga ia augmentando e a tal ponto chegou que já nas duas allas se cochixava bastante.

O andor, como o enorme rosario de crimes praticados em dias d'arruaça pesava basta e era necessario mais um *quarto* para ajudar a levar a cruz ao Calvario. Elles vão-se esgueirando a pouco e pouco, lá para terras distantes e os limonadas pequenos, que serviram d'escada para os outros maiores, teem de trazer ás costas o andor dos crimes, levar a cruz até ao calvario do tribunal.

O capataz viera e com falas mansas pedira que a marcha continuasse.

—Não vae d'aqui o andor já disse. Ou pega, ou não pega, cá eu não sou de meias medidas.

—O' homem deixa essas zangas para outra vez. Olha que a procissão já vae esfarrapada de todo e se queres escangalha-a mais!—disse o capataz.

—Não quero saber d'isso—tornou o primeiro.

Mas algumas gotas d'agua viera-os avisar de que não valiam questões porque a marcha teria de ser feita em acelarado, os crimes teriam um calvario proximo.

A rixa parou; e lá do largo, emquantos os cavallos atropellavam, o Berlengas levava segunda vez com o estandarte na careca.

Era o terceiro *passo* da sua vida. Uma vez fora apedrejado pelos da turba por questões de compostura dos bancos de ferro; e agora apanhava com o estandarte duas pauladas, talvez bem puchadas pela guita do companheiro.

Nem um foguete, nem um viva sequer. A musica ficara-se calada á espera de convite e dos cobres que o deviam accompanhar, mas nem um nem o outro vieram. Os fogueteiros encalotados desde a ultima eleição não arriscaram agora um vintem sequer fiado.

O Placo outr'ora tão ancho, tão inchado não dava ordens, porque o *Luizinho* ganhara finalmente juizo.

Os politicos não tinham dinheiro para solver os calotes das eleições passadas, quanto mais para entrar em novas festas embora fosse a qualquer *Trinca-Espinhas* salvador da *patria e das batatas*.

Por isso os politicos ficaram mudos, não deitaram um foguete sequer para commomorar a sua *victoria estrondoza*, nem um foguete, nem um bocado de musica porque não havia quem fiasse um magro vintem para esperar por elle longos mezes.

Ismael.

Novidades

Procissão de Passos. — Foi este anno muito pouco concorrida esta procissão que costumava ser imponentissima. Fazia a guarda d'onra o destacamento de infanteria. Junto á capella do calvario um dos cavallarias que abriam o prestito ia atropellando algumas mulheres.

Estada. — Estiveram entre nós os ex.mos snrs. drs. José Paes, distincto medico de Vagos; dr. Ernesto da Costa Souza Pinto Bastos, dignissimo pardo reino.

Doença. — Tem estado gravemente doente o nosso amigo p.e Bernardino Rebello.

Desejamos-lhe rapidas melhoras.

Ralham as comadres... — Em um dos dias da semana passada principiou o ajuste de contas com os arruaceiros limonadas.

Um d'elles dirigindo-se ao Placo perguntou-lhe quando era que chegava a medalha d'ouro que lhe tinham promettido e a pensão de 500 reis por dia paga pelo governo.

O Placo respondeu que não tardaria muito; mas que o governo até agora não lha dera porque havia muito que fazer nas secretarias.

O tal, bem conhecido arruaceiro, ameaçava-o dizendo que se não visse a medalha e a pensão faria ir tudo pelos ares.

Como se vê, os *sabios* promettiam tudo, contanto que se vencessem as eleiçoes; agora pilham-se servidos e os arruaceiros vêem as promessas por um oculo.

Como o Mattoso se ha-de ver afflicto!

A' camara. — deseja-se saber quaes são as providencias que a camara tomou a respeito da importante tomadia feita pelo sr. José Valente Frazão nos baldios municipaes.

Por equivoco dissemos no numero anterior que a tomadia feita junto á terra do Ruivinhas fôra de 100 metros, quando a verdade é que essa tomadia fôra de 1.000 metros quadrados.

Por pouco menos o Soares se abespunhou com a camara transacta de que fazia parte.

Porque se passaria o Soares?

Desordem. — Segunda feira travou-se, na rua da Praça, desordem entre dous individuos, um d'esta villa e o outro um artista que ainda ha pouco chegou de Lisboa e que aqui se acha estabelecido com loja de alfaiate.

Emigração. — Cresce todos os mezes o numero dos emigrantes do nosso concelho. Este facto tem origem na crise agricula que vamos atravessando. O preço dos cereaes é insignificantissimo; o importante ramo de commercio da engorda de gado bovino não dá resultado algum, de modo que os pequenos lavradores não tem outro recurso alem do da emigração.

Capella no Furadouro. — diz-se que a camara tenciona mandar levantar a capella do Furadouro, junto á casa do arrais Polonia, quando o deputado do circulo arranjar do governo dinheiro bastante para isso. Alem d'isso a camara conta em obrigar os lavradores a acarretar a pedra necessaria para a referida construcção.

De modo que vamos ter no concelho outra vez a contribuição do trabalho, ha tantos annos abolida.

Isso seria *bom* se o povo não reclamasse e os administradores camararios se não vissem obrigados a voltar atraz com o seu dito.

Construcções. — Estão muito adiantadas as construcções dos barcos varinos e das fragatas que os nossos calafates estão construindo no Caes da Ribeira.

Crime.....

.....

.....

.....

Mais tarde fallaremos.

Contradança d'administradores. — Diz-se que dentro em breve haverá nova dança de administradores d'este concelho.

Como é necessario dar de comer a um desgraçado que por ahi anda fazendo papeis tristissimos para apanhar algum osso, haverá novos nomeações.

Uma pandiga.

Dialogo. — Entre tres *pobres diabos* que accompanharam as deliberações do *centro* limonada.

Um—se o ministerio cae eu safo-me para Lisboa porque tenho quem me pague os comboyos. Não se pode aqui estar depois que os *nossos* fizeram aquellas cousas.

Outro—Pois eu não me importo: como não fiz mal a ninguem, elles decerto não se mettem commigo. Lá se arranjem os que andam mettidos na dança.

Terceiro — Eu cá tambem não fujo; mas decerto que não saio de casa os primeiros quinze dias. Ainda se elles não fizessem aquellas cousas na eleicção dos quarenta maiores contribuintes.....

Como elles trazem a consciencia, safa!.....

Com que então, reverendissimo, não sae de casa nos primeiros quinze dias depois da queda do ministerio? Pode sahir reverendissimo, pode sahir que ninguem lhe bate tanto como merece.

Projectos camararios — Elles os *sabios* têem promettido tudo.

Estradas em Esmoriz, estradas em S. Vicente, estradas em Vallega, estradas para o matadouro esta Villa, estrada para a Marinha, emfim estradas para toda a parte, mas afinal nada fazem porque o dinheiro é pouco para elles.

D'esta vez ainda o Largo dos Campos escapa, porque á sua destruição, dizem-nos, se oppõe o vereador do pelouro das praças a Estrumada.

No fim de contas os projectos camararios cifram-se em pagar aos empregados affectos e aos amigos.

Um cumulo!

Gaseta dos Tribunaes — Recebemos o 1.º numero d'esta importante publicação de direito administractivo, dirigida pelo eminente juris-consulto Augusto Cesar de Sá, juiz de direito, servindo no tribunal administractivo de Villa Real.

Escusamos de recommendar a necessidade da leitura d'este interessante jornal.

Caminho de ferro americano para o Furadouro. — Quando os limonadas ainda não tinham posto o pé na camara, diziam elles que ainda se não tinha feito o caminho de ferro americano para o Furadouro por causa do espirito retrogrado da camara transacta que não queria melhoramentos. Esses sabios diziam então que logo que fossem para a camara havia de formar uma companhia e o caminho de ferro se fasia dentro do primeiro anno da sua gerencia.

Mas agora, coitados, nem teem tempo, nem dinheiro para fazer as obras que aproveitam aos amigos, quanto mais para pensarem em alguma cousa util para o municipio.

O Luizinho não pilha a estrada para a sua quinta da Marinha, o Francisco Pinto, Barreiro, não pilha a estrada dos Castanheiros em Esmoriz, os de S. Vicente não pilham a estrada que pediram e se lhes prometteu, o reverendo abbade de Cortegaça não pilha o ramal d'estrada para a egreja matriz, o Soares não pilha a conclusão da estrada do Puchadouro, emfim um conjunto de calamidades—falta de dinheiro que foi absorvido pelo Cunha, pelo Mello, pelo secretario d'administração e pelo Larangeira; e falta de tino administractivo.

Os pobres diabos veem-se ás aranhas e por isso não admira que não pensem sequer no tal caminho de ferro americano para o Furadouro.

E foi para tal gente que se virou o Soares!...

Porque se passaria o Soares?

O processo do roubo dos jornaes. — Desde que foram intimadas as testemunhas no corpo de delicto directo ainda não nos consta que o processo do roubo dos jornaes instaurado contra Antonio Maria Marques e Joaquim Maranhão, tivesse andamento.

Será possivel que este processo fique dormindo como succede

aos das arruaças por causa das eleições?

Entretanto nós iremos avisando periodicamente os magistrados judiciaes para que se lembrem de cumprir o seu dever. Prometemos vigiar a punição dos criminosos e havemos de vigial-o.

Com taes criminosos não faz de certo, o Soares, farinha.

Porque se passaria o Soares?

Feiras.—Definham os olhos vistos as feiras d'este concelho—S. João a 24 e S. Miguel a 29.

Por isso a camara transacta procurou reunil-as n um só local—S. Sebastião; e para isso andava construindo no largo em frente da estação do caminho de ferro uma feira que reunisse todas as condicções necessarias para isso.

Mas os actuaes vereadores que são ferteis em planos resolveram, segundo nos consta, parar as obras e deixarem assim ficar o largo expropriado, á espera que o dinheiro chegue para mais do que pagar aos affectos *serviços* que não prestaram.

A feira de S. Sebastião ficará á espera d'alguma alma caritativa que d'ella se compadeça.

E o Soares que faz? o Soares, vereador antigo o que votou os orçamentos dos annos anteriores?

Porque se passaria o Soares.

Em greve.—Está em greve os munipuladores da fabrica dos tabacos, Lealdade, do Porto.

Os grevistas tem organisado numerosos *meetings*. Receia-se aqui a greve se torne extensiva ás outras classes laboriosas.

Mercê da *grande* medida financeira do monopolio do tabaco agita-se hoje entre nós a lucta entre o capital e o trabalho.

O Soares será tambem grevista, elle que é um bom manipulador?

Se não é, por que se passaria?

Despedida.—Abel Narcizo da Costa Queiroz apartando-se com saudades de todos os seus amigos d'Ovar, dos quaes não se pode despedir pessoalmente, nem mostrar-lhes os sentimentos decorosos que o pungiam na despedida, protesta-lhes d'esta forma a sua gratidão eterna e amizade inquebrantavel. A todos a quem deve amizade offerece o seu limitado prestimo n'esta Villa e promette nunca esquecer.

O mesmo faz sua mulher Roza de Jesus Queiroz, para com todas as suas amigas.

Alemquer 16 de Março de 1887

Abel Narcizo da Costa Queiroz.

CORRESPONDENCIA

Wagon Regoense

Amigo leitor. Eis-me aqui salpicando com a limpida clareza umas instituições rumanticas, risonhas entrelaçadas com os sonhos denegridos e melancolicos.

Irei faltar-te de minha terra, d'esta desgraçada terra embrenhada em elevadas montanhas fulminada pelo *micrôbio* desolador que lentamente a vae contaminando, pelo *microbio* dos novos impostos municipaes para comprimento do art. 117.º do codigo administrativo, e finalmente pelo *micrôbio* do municipio.

São trez mias mas que este pequeno concelho tem adquerido.

Não tem duvida. Não bastava este primeiro insecto aterrador, que tantos milhões nos tem arrebatado, ainda o senado tem ahi irrisoria imprudencia de mandar reunir (pela segunda vez) os quarenta maiores contribuintes para se tomarem medidas referentes aos novos impostos municipaes.

Uma enorme infamia?

Mas estamos certos e firmes de que lhes saberão responder negativamente visto que tal empreza causa a todo o concelho verdadeiro damno.

Verdade é que a grei da junta geral está á vontade do snr. presidente; mas soffrerá o povo pacificamente o lançamento de novas contribuições.

Mas para que deseja o nosso presidente mais impostos?

Será para a canalisação daa aguas putridas do Corgo? mas receita competente já está levantadas pela honra e credito da camara transacta, para canalisação das aguas crystallinas do Mousinho?

Talvez que s. ex.ª deseje introduzia melhoramentos prometidos n'esse terreno que a camara tranzacta mandou pôr em arrematação, mas para isso preciza de dinheiro. Talvez.

N'um terreno que mdde aproximadamente 700 metros quadrados, como é que s. ex.ª havia de introduzir uma praça ou recreio publico, e um theatro, se houvesse quem pretendesse acções, blazonando ainda da cadeira da presidencia que se iriam fazer mais dous *kiosques* etc.?

Basta de melhoramentos S. Juginuida.

Amigo leitor. Nunca esperes por esses recreios, por esses jardins embalsemados d'um aroma doce inebriente e bom onde tu goses essas noutes de luar brando vendo aqui e acolá todos os Romeus buscar a sua rendilhada expiração ao azul do ceu, aos meteoros refulgentes, ás mimosas faces de carmim, a essas louvas virginaes d'um lirio cor de rosa...

Jardins, praças, theatros, são sonhos que se evaporam, são miragens que se desfazem, e como triste realidade ficam apenas os novos impostos directos e indirectos.

Até á semana,

Mario Saldanha.

ANNUNCIOS LITTERARIOS

IMPORTANTE

Supplemento ao Codigo

COM O

Decreto complementar ao Codigo Administractivo, reorganisando o Supremo Tribunal Administractivo, e a Reforma de Instrucção Secundaria.—Decreto sobre a Organisação dos serviços da fazenda Publica nos districtos e concelhos do reino.—Decreto regulando o direito d'aposentação, e Rectificações ao Codigo e Relatorios do Governo. Tudo n'um volume, 200 reis, pelo correio, 250. E com a Reforma Judiciaria apenas 250 reis—Pelo correio, 300 reis, em volume tambem.

A venda em todas as livrarias do Porto.

A nova edição do Codigo 200 reis; pelo correio 210; pelo seguro 250 reis. A Nova Reforma Judicial e Reforma de instrucção 120 reis—pelo correio 150 reis sem separado.

FABULAS DE LAFONTAINE

Illustradas por Gustavo Doré

COM CERCA DE 600 GRAVURAS

84 composições de pagina inteiras

247 gravuras grandes

e 220 vinhetas)

VIAGENS MARAVILHOSAS

Mundos conhecidos e desconhecidos

Grande edição popular de obras de

JULIO VERNE

Cada volume broxado... 200 rs.

» » encadernado em percalina..... 300 »

Os Dramas Modernos

INTERESSANTISSIMO ROMANCE

EMILE RICHEBOURG

Primeira parte—MIONNE.

Segunda » —OS MILHÕES DE MR. ORAIME.

Brinde á sorte de Inscripções

CASA EDITORA DAVID CORAZZI

LISBOA

Recebem-se pedidos acompanhados da sua importancia na Administração do «Povo d'Ovar.

OBRAS ELEMENTARES

COORDENADAS POR

J. S. DE FIGUEIREDO E CASTRO

Elementos de grammatica portugueza, 3.ª edição. 200 rs.

Noções elementares de arithmetica e systema metrico decimal, 5.ª edição, acrescentada com uma collecção de perto de 200 problemas.... 60 rs.

Faz-se abatimento nos pedidos de mais de 5 exemplares, feitos ao editor.

ANTONIO DE FREITAS SUGENA

AGUEDA

FLORENTINE

Foi distribuido o n.º 307 de *Bandeira Portugueza*. Continua os escandalos da policia e entre outros artigos publica a noticia desenvolvida de uma opera nova *O escravo* do maestro Carlos Gomes, auctor do *Guarony*.

Na parte artistica, vemos um trecho para piano intitulado *Florentine*, transcripto da opera *Boccacio*, pelo conhecido maestro Freitas Gazul.

Assignatura, trimestre 700 rs. Assina-se na rua dos Fanqueiros, 207, 1.º Lisboa.

ANNUNCIOS JUDICIAES

ARREMATAÇÃO

No dia 10 d'abril proximo, por meio dia e á porta do Tribunal da comarca, sito na Praça, desta villa, se ha de proceder á arrematação dos bens seguintes: Uma propriedade de casas terreas, com aido, quinhão de poço e cortinha lavradia pegado, sita no logar do Bostello, avaliada em 360$500 reis; uma terra lavradia, sita no mesmo logar, chamada a Alagoa, avaliada em 210$000 reis—Outra terra lavradia com inteste de matto pegado pelo sul, sito no logar do Porto Laboso, avaliada em 172$200 reis—Um quinhão de moinho de moer milho, que consta de um dia e uma noite de nove em nove dias no moinho sito em Porto Labozo, avaliada em 36$000 reis—uma leira de matto e pinhal, sito tambam em Porto Labozo, avaliada em 84$000 reis—Uma leira de pinhal e matto, sito no mesmo logar do Pôrto Labozo, chamado a Ribeirinha, avaliado, com o abatimento do usufructo para Manoel Valente da Rosa, do Bostello, emquanto vivo na quantia de reis 100$000—Uma leira de matto e pinhal, sita no logar de Pintim, avaliada tambem com o abatimento do usufructo para o dito Manoel Valente da Roza na quantia de 80$000 reis; cujos bens são sitos na freguezia de Vallega, e vão á praça por deliberação do conselho de familia no inventario maiores por obito de José Valente da Fonseca, do logar do Bostello, de Vallega.

Por este são citados quaesquer credores incertos do inventariado para assistirem á arrematação

Ovar, 18 de março de 1887.

Verefiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

Brochado.

O Escrivão,

Eduardo Elysio Ferraz d'Abreu.

(59) 2

ARREMATAÇÃO

No dia 3 d'Abril proximo, pelo meio dia, á porta do Tribunal d'esta comarca, sito na Praça d'Ovar, e na execução de sentença que Manoel Fernandes Gomes Ribeiro, do logar da Pedreira, move contra João Soares Leite e mulher, do logar da Morteira, todos da freguezia d'Arada, volta pela segunda vez á praça para ser arrematada a quem mais offerecer sobre a quantia de 15$000 reis, metade do seu valor. Uma leira de pinhal sito no logar d'Olho Marinho, freguezia d'Arada, pertencente aos executados.

Por este são citados quaesquer credores incertos dos executados para deduzirem os seus direitos.

Ovar, 30 de Março de 1887.

Verifiquei

Brochado.

O Escrivão,

Antonio dos Santos Sobreira.

(60) 2

ANNUNCIOS

Venda de casas e terras

Vendem-se duas casas terreas sitas na rua dos Lavradores. Estas casas teem poço e servidão de carro.

Vemdem-se tambem duas terras lavradias situadas na Bocca do Rio.

Está competentemente auctorisada pora fazer estas vendas, José de Souza Azevedo.

RUA DOS LAVRADORES

OVAR

2

Venda de casa

Vende-se uma casa situada no Largo dos Campos e que pertenceu a Antonio Marques da Silva. Para tractar com Manoel d'Oliveira Leite.

OVAR

2

Agradecimento

Francisco Antonio Lopes e filhos e Manoel Antonio Lopes e filhos agradecem penhorados ás pessoas que accompanharam á sepultura os restos mortaes de sua chorada irmã e tia Anna Lopes Basto, no dia 12 do corrente mez.

Ovar, 14 de Março de 1884.

Venda de propriedades

Quem pretender comprar duas propriedades, sendo uma terra lavradia e outra juncal, além d'estas uma outra terra lavradia situada nas Hortas, pertencente a José d'Oliveira da Graça, dirija-se a Francisco d'Oliveira da Graça, rua da Fonte que está habililado para as vender.

OVAR

1

Agradecimento

Joaquim dos Santos Sobreira, Antonio dos Santos Sobreira, Roza de Araujo Sobreira e Anna dos Santos Valente Sobreira agradecem penhoradissimos a todas as pessoas que os cumprimentaram por occasião do fallecimento de sua sempre chorada esposa, mãe e sogra Maria Graça da Cruz Maravalhas, protestando a todos a sua eterna gratidão.

Ovar, 22 de Março de 1887.

A *Gazeta dos Tribunaes Administrativos* publica-se por series de 12 numeros, devendo publicar-se regularmente 2 numeros em cada mez.

Conterá, além d'accordãos de diversos tribunaes de primeira e segunda instancias, artigos sobre direito e forma de processo, especialmente administrativo. Publicará tambem a legislação mais importante que se fôr promulgando, já no proprio jornal, já em separado, se este a não podér conter, mas sem augmento de preço para os senhores assignantes.

Preços da assignatura

Por serie de 12 numeros (6 mezes)..... 1$200

Por duas series (um anno) 2$400

Não se acceitam assignaturas por menos de 12 numeros, pagas adiantadamente.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Redacção da «Gazeta Administrativa» — Villa Real.

Aos cavalheiros a quem dirigimos este primeiro numero do nosso jornal, pedimos a fineza de o devolver, quando não queiram ou não possam ser considerados assignantes.

JOÃO ALVES

PRAÇA D'OVAR

(JUNTO AO PASSO)

Participa ao publico que recebeu ultimamente um bom sortido de chales modernos assim como merinos de pura lã, o melhor que ha n'este genero, castorinas modernas e um grande sortido de cazemiras estrangeiras, e cobertores modernos.

Tambem acaba de receber: uma grande collecção de guarda-soes de merino e ditos de seda superior com lindissimos cabos, como se não encontram em outro estabelecimento, que vende por preços commodos, para o que chama a attenção do publico.

Recommenda ás amaveis leitores, um sortido que lhe chegou de meias de lã de differentes côres, tanto para senhoras como para crianças, e de toucas modernas para crianças.

Annuncia tambem que tem um lindo sortido de mantas, camisolas, luvas de casemira suspensorios e fachas de merino.

Vende panno lavrado de Lisboa por preços que ninguem pode competir e em fim espera em breve um grande sortido de calçado que venderá a preços muito commodos.

SEGURO

CONTRA O RISCO DE FOGO

COMPANHIA "PROBIDADE"

Capital, 1:000:000$000 reis

SÉDE EM LISBOA

Segura predios a 120 rs. por 1:000$000
Idem mobilia a 150 rs. » »

Agente em Ovar,

JOÃO ALVES

PRAÇA

6

Venda de casa

Vende-se uma casa alta, nova, na rua das Figueiras com os n.os 51 — 53. Tem caminho de carro e de pé, bom quintal e poço.

Para tratar com Manoel Joaquim Paes—Ovar.

Mánoel Joaquim Paes

Rua das Figueiras n.º 51—53

LIVRO sacro ou curso de doutrina christã, approvado, para uso das escholas, pelo ex.mo e rev.mo snr. Cardeal Bispo do Porto, coordenado por Francisco d'Assis Pinheiro.

A' venda—Livraria editora—Cruz Moutinho, rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto. 22

Vende-se

Uma casa alta, situada na rua da Graça (Pontes) d'esta Villa d'Ovar.

Tem poço e quintal. bastantes commodos, boa armação para loja e já afreguezada.

Para tratar na mesma n.os 3, 4 e 5.

OVAR

As pessoas quebradas

Com o uso d'alguns dias do milagroso emplasto antiphelico se curam radicalmente as roturas ainda que sejam muito antigas. Este emplasto tem sido applicado em 35:540 pessoas e ainda não falhou.—Preço 1$500 reis.

Balsamo sedativo de Raspail

Remedio para a cura completa do rheumatismo, nervoso, gottoso, articular, dôres de cabeça, pontadas, contusões e amollecimento da espinha dorsal. Frouxidão de nervos, fraqueza de musculos, golpes e toda a qualidade de dôr ou inflamação: usa-se externamente em fricções.—Preço do frasco 1$200 reis.

Contra os Callos

Unico remedio que os faz cair em 12 horas.—Preço da caixa 400 reis.

Molestia de pelle

Pomada Styracia, cura prompta e radical a todas as molestias de pelle, as empigens, nodoas, borbulhas, comichão, dartros, herpese lepra, panno, sardas, etc., etc.—Preço da caixa 600 reis.

Injecção Gueinp

E' esta a unica injecção, que, sem damno, cura em 3 dias as purgações ainda as mais rebeldes.—Preço do frasco 1$000 reis.

Creme das damas

Torna rapidamente a pelle cara e macia, dissipa as sardas, tez crestadas, nodoas, borbulhas, rosto sarabulhento, rugas, encobre os signaes das bexigas.—Preço do frasco 1$200 reis.

Remette-se pelo correio a quem enviar a sua importancia em valle do correio a Manoel Pinto Monteiro, Travessa do Cêgo, 15, á Praça das Flores—Lisboa.

32

RODRIGO VALENTE DA SILVA com estabelecimento de mercearia, fazendas, vinhos, tabacos, ferragens, tintas, vidraça, molduras e miudezas em

S. JOÃO DE VALLEGA

21

Francisco Peixoto Pinto Ferreira com estabelecimento de ferragens, tintas, mercearia, tabacos, molduras e miudezas.

PONTES

34

Grades de ferro para duas sepulturas

Vende-se uma em bom uso. Quem a pretender falle com o Felinto.

OVAR

Pharmacia--Silveira

Isaac Julio da Silveira, pharmaceutico approvado pela escóla medico-cirurgica do Porto.

PONTES

32

Pará, Maranhão, Ceará e Manáus, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e Rio Grande do Sul.

Para os portos acima indicados, vendem-se passagens de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes, por **preços sem competencia,** abonando-se comboyo aos passaeeiros e transporte para bordo.

Para esclarecimentos e bilhetes de passagem, trata-se em Aveiro, com Manuel José Soares dos Reis, rua dos Mercadores, 19 a 23; e em Ovar—rua dos Campos, com o snr.

Antonio da Silva Nataria.

12

TYPOGRAPHIA

DO

POVO DE OVAR

(OVAR)

Esta typographia completamente habilitada encarrega-se de todo o qualquer trabalho concernente á sua arte, a toda qualquer côr, tanto prateado como dourado, assim como: obras de livros, jornaes, facturas, bilhetes de visita, circulares, etiquetas para garrafas, diplomas etc., para o que acaba de receber das principaes casas de Paris, uma grande variedade de typos e vinhetas.

Preços o mais rasoaveis possiveis

A DICTADURA

E

A REFORMA ADMINISTRATIVA

SERIE D'ARTIGOS PUBLICADOS NO

JORNAL DO PORTO

POR

A. J. DE CARVALHO E MELLO

2.ª EDIÇÃO CORRECTA

Preço. . . . 240 reis.

(Pelo correio, franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas)

A' livraria=CRUZ COUTINHO.= Rua dos Caldeireiros, 18 e 20—PORTO

NOVA EDIÇÃO PORTATIL

DO

CODIGO CIVIL PORTUGUEZ

COM UM APPENDICE DA

Legislação posterior ao mesmo codigo

publicada até hoje, incluindo n'elle os

Regulamentos do Registo predial, da Caixa geral de depositos e do Registo civil, etc.

1 vol. in-16.º de 648 pag. br. 240
Encadernado. 360

Pelo correio, franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas

Á livraria=Cruz Coutinho= Editora. Rua dos Caldeireiros, 18 e 20=PORTO.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

A DIFFAMAÇÃO DOS LIVREIROS

SUCCESSORES DE

ERNESTO CHARDRON

(Opusculo a proposito do arresto feito pela firma Lugan & Genelioux. successores de Ernesto Chardron, á edição do livro BOHEMIA DO ESPIRITO, editado por Eduardo da Costa Santos).

A' venda na Livraria Civilisação, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6, e nas principaes de todas as terras do reino e ilhas.—Preço, 150 reis, pelo correio 160.

Codigo Administrativo

Approvado por Decreto de 17 de Julho de 1886

Com um appendice, contendo toda a legislação relativa ao mesmo codigo, publicada até hoje, incluindo o

Regulamento do Processo Administrativo

E UM COPIOSO

REPERTORIO ALPHABETICO

Preço.... 200 reis

(Pelo correio, franco de porte a quem enviar e sua importancia em estampilhas)

A' venda na Livraria—CRUZ COUTINHO — Editora. Rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

A MARTYR

A melhor publicação de Emile Richebourg, auctor dos interessantes romances: A MULHER FATAL: DRAMAS MODERNOS e outros

1.ª parte, TREVAS
2.ª parte, LUIZ
3.º parte, ANJO DA REDEMPÇÃO

Edicção illustrada com magnificas gravuras francezas e com excellentes chromos executados na lythographia Guedes.

VERSÃO DE JULIO DE MAGALHÃES

10 reis cada folha, gravura ou chromo

50 Reis por Semana

DOIS BRINDES A CADA ASSIGNANTE

A' SORTE PELA LOTERIA—100$000 em 3 premios para o que receberão os snr. assignantes em tempo opportuno uma cautela com 5 numeros.

No fim da obra—Um bonito album com 2 grandiosos panoramas de Lisboa sendo um, desde a estação do caminho de ferro do norte até á barra (19 kilometros de distancia) e outro é tirado de S. Pedro d'Alcantara, que abrange a distancia desde a Penitenciaria e Avenida até á margem sul do Tejo.

Assigna-se no escriptorio da empreza editara Belem & C.ª, rua da Cruz de Pau, 26, 1.º—Lisboa.

Nossa Senhora de Pari

por VICTOR HUGO

Romance historico illustado com 200 gravuras novas compradas ao editor parisiense

EUGÈNE HUGUES

Depois dos MISERAVEIS é o romance NOSSA SENHORA DE PARIS a obra mais sublime de Victor Hugo. Cheio de episodios surprehendentes, n'uma linguagem primorosa, a sua leitura eleva o nosso espirito ás regiões sublimes do bello e innunda de enthusiasmo a nossa alma, levando-nos a tributar ao grande poeta francez a admiração mais sincera e illimitada

A sua traducção foi confiada ao illustre jornalista, portuense, o exc.mo snr. Gualdino de Campos, e a obra completa constará d'um volume magnificamente impresso em papel superior, mandado expressamente fabricar em uma das primeiras casas de Milão.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

A obra constará de 1 volume ou 18 fasciculos em 4.º, e illustrada com 200 gravuras, distribuido em fasciculos semanaes de 32 paginas, ao preço de 100 reis, pagos no acto da entrega. Para as provincias o preço do fasciculo é o mesmo que no Porto, franco de porte, mas só se acceitam assignaturas vindo acompanhadas da importancia de cinco fasciculos adiantados. A casa editora garante a todas as pessoas que angariarem qualquer numero de assignaturas, não inferior a cinco, e se responsabilisarem pela distribuição dos fasciculos, a commissão de 20 por cento. Acceitam-se correspondentes em todas as terras do paiz, que dêem abono á sua conducta.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

LIVRARIA CIVILISAÇÃO

DE

Eduardo da Costa Santos, editor.

4, Rua de Santo Ildefonso, 4
PORTO

LIVRARIA CHARDRON

A reproducção desleal, feita no livro BOHEMIA DO ESPIRITO editada pelo snr. Costa Santos, das obras abaixo mencionadas, prejudicando a sua venda, obriga esta **casa editora e proprietaria** a fazer uma grande reducção nos preços das mesmas.

GRAND RABAIS

CAMILLO CASTELLO BRANCO

CARTA DE GUIA DE CASADOS, por D. Francisco M. de Mello (Prefacio) Avulso 360—180 reis
A ESPADA D'ALEXANDRE. . » 240—120 »
LUIZ DE CAMÕES, notas biographicas av. 400—200 »
SENHORA RATTAZZI 1.ª edição. . . . . av. 160— 60 »
SENHORA RATTAZZI 2.ª edição. . . . . av. 200—100 »
QUESTÃO DA SEBENTA (aliás *Bolas e Bullas:*
Notas á Sebenta do dr. A. C. Callisto. . . . av. 60— 30 reis
Notas ao folheto do dr. A. C. Callisto. . . . av. 60— 30 »
A Cavallaria da Sebenta. . . . . av.100— 50 »
Segunda carga de cavallaria. . . . . av.150— 75 »
Carga terceira, treplica ao padre. . . . . av.150— 75 »

TODA A COLLECÇAO 600 REIS

Todas estas obras foram vendidas em diversas épocas pelo auctor ao fallecido Ernesto Chardron.

LUGAN & GENELIOUX, successores—Clerigos, 96—Porto.